

**4ª SÍNTESE | PROJETOS DE EDUCAÇÃO PARA OS  
MEIOS (E PARA O CONSUMO) NAS ESCOLAS**

# **COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E CONSUMO**

**20  
23**

**CÁTEDRA**  
M.A. BACCEGA

**ESPM**

# INTRODUÇÃO

A Cátedra Maria Aparecida Baccega, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo - PPGCOM da ESPM, é dedicada às inter-relações entre comunicação e consumo, privilegiando a sua interface com o campo da educação. Desde 2019, a Cátedra tem realizado pesquisas com educadores dos ensinos Fundamental e Médio sobre seus hábitos de consumo midiático e como trabalham as mídias com seus alunos. A partir dos dados coletados, são desenvolvidas ações para apoiar a formação de educadores, de forma a contribuir para uma melhor utilização e consumo dos meios.

No quinto ano desse estudo longitudinal, os grupos focais foram realizados exclusivamente com educadores da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, com apoio do Unidade de Cooperação Técnica e Pesquisa (UCTEC) - EFAPE, visando ampliar as reflexões acerca da educação para a mídia e para o consumo.

Com base nos resultados dos anos anteriores e em mudanças sociais e de consumo observadas nas escolas, algumas temáticas abordadas em edições anteriores da pesquisa, foram ajustadas para a condução dos grupos focais, os quais se alicerçaram em cinco tópicos, a saber:

- 1 | Como se dá o consumo de mídia pelos professores
- 2 | Uso e produção de mídia na sala de aula
- 3 | Consciência crítica do uso da mídia pelos alunos
- 4 | **Projetos de educação para os meios (e para o consumo) nas escolas**
- 5 | Relação com a Tecnologia e IA

# PROJETOS DE EDUCAÇÃO PARA OS MEIOS (E PARA O CONSUMO) NAS ESCOLAS

---

Todos os educadores participantes dos grupos focais citaram o Centro de Mídias do Governo do Estado de São Paulo como seu espaço de formação continuada oficial, onde podem localizar recursos e entrar em contato com questões contemporâneas não contempladas na formação básica dos professores. Em geral, sinalizaram que a educação para os meios e para o consumo aparece na formação de educadores mas com pouca profundidade, o que não concede segurança para que trabalhem a temática na sala de aula com confiança. Uma educadora citou que essa defasagem na formação também promove a resistência de muitos educadores sobre a utilização de mídias nas aulas, por acreditarem que não possuem o conhecimento necessário para lidar com tais recursos diante dos estudantes.

“ Eu busco, eu pesquiso, eu tenho essa habilidade, mas não é todo mundo que tem essa habilidade. E, aí, precisa de um formador específico para isso, para poder orientar esse professor, mas que seja próximo a esse professor. [...] Agora, a Seduc acha que formação é só pelo Centro de Mídias. [...] A gente precisa de algo de contato direto com alguém para que a gente possa se desenvolver. Nem todos os professores conhecem essas ferramentas, [...] têm essas informações mas ela não é para todo mundo porque ela não chega da forma que deveria chegar para os professores. E, aí, como eu vou formar um estudante se eu, como professora, tenho deficiência na minha formação.

Uma das educadoras participantes da pesquisa atua provisoriamente na área administrativa, onde se encarrega da comunicação com a comunidade escolar. Por conta própria, buscou informações e ferramental para estimular a comunicação da escola com cada público: professores, famílias e estudantes. Apesar de ter buscado autonomamente desenvolvimento profissional nesta área, acredita que os professores precisam de formação voltada à educação midiática que extrapole a perspectiva instrumental do consumo midiático e que vá muito além de "saber mexer" em aplicativos e softwares. É preciso trabalhar a consciência para um consumo ético nas mídias.

“ Preciso ter uma formação para trabalhar com as mídias, uma formação sobre a ética do uso da imagem, até como você faz para reproduzir um material. No advento dessa história do uso da internet na sala de aula [...], começou a surgir blogs onde a pessoa pegava um livro inteiro e ela escaneava e liberava, sem a menor preocupação com o uso da imagem, o uso daquele trabalho que a pessoa teve, toda aquela questão do direito autoral. E, aí, virou uma confusão, porque a pessoa disponibilizava o trabalho do outro. Então, precisa ter uma formação, precisa saber o que pode fazer. [...] Então, falta isso. Eu acho que as universidades, as faculdades precisam pensar nisso. O Estado precisa pensar em formar aquele professor que já está no Estado, a Prefeitura, até para que esse seja um bom uso, senão vai acabar virando uma terra sem lei.

Outro educador mencionou que em sua escola há uma preocupação sobre educação midiática e existem tentativas de desenvolver formação para os estudantes. Mas, para ele, são tentativas esparsas, sem um plano ou um processo mais linear, o que não permitiria a identificação de uma progressão dos estudantes. Para que isso ocorra, ele reforçou a demanda pela formação de professores, a fim de conseguirem desenvolver um processo de aprendizagem em relação ao consumo midiático - enquanto recepção e produção -, do diagnóstico à consolidação do conhecimento.

Diversos educadores que participaram dos grupos focais mencionaram a necessidade de desenvolvimento de um plano amplo voltado à educação para os meios. Além da formação de professores, o estímulo da gestão escolar e a criação de uma infraestrutura nas escolas, a qual contemple a oferta de dispositivos e uma boa conexão com a internet, foram apontados como essenciais.

A discussão acerca da necessidade do desenvolvimento de uma educação para o consumo midiático foi unânime. Mas ela desencadeia um outro paradigma entre os educadores: permitir o uso de dispositivos individuais na sala de aula ou não? Um dos professores citou que sua estratégia é combinar quais são os momentos de utilização, sempre com finalidade pedagógica. Disse ainda que aprende cotidianamente com os estudantes, uma vez que passa a conhecer novos recursos e, juntos, analisam a confiabilidade das informações geradas por aplicativos e softwares.

“ Hoje, os alunos estão naquele ou você proíbe o celular ou trabalha com ele. Eu penso dessa forma, ou você chega e fala "você vai ter o espaço pedagogicamente, foi autorizada a utilização do celular" ou "eu não autorizei, então, quietinho, eu não quero ver ninguém com o celular, vamos prestar atenção no professor aqui". É dessa forma que eu trabalho com meus alunos. Existem calculadoras que fazem expressões facilmente. [...] Então, eles falam "professor, você conhecia isso aqui, essa plataforma, esse aplicativo..." Então, a gente aprende muito com eles também. A gente falou, esse daqui não pode utilizar, tá vendo, tem falhas aqui, então vamos corrigir isso aqui tem que orientar eles.

A restrição e a proibição do uso de dispositivos nas escolas faz com que os estudantes acabem centralizando o consumo midiático digital exclusivamente fora da escola e, na maior parte do tempo, para fins de entretenimento, sem a intencionalidade de exercer um consumo crítico sobre eles. Nos grupos focais, observou-se entre os relatos de educadores que a escola seria um espaço importante para que crianças e jovens tivessem a oportunidade de desenvolver a leitura crítica da mídia, seja em sites, redes sociais ou aplicativos em geral, mas também um local para promoção da inclusão digital.

“ [...] eu trabalho no extremo leste, na região de São Mateus, e ali a gente tem uma forte exclusão digital, [...] nem todos os meus alunos têm acesso a celulares ou internet dentro de casa. [...] A gente acabou percebendo que eles têm um letramento digital muito pobrezinho, então, no máximo, ali, pra eles, é um jogo, é um TikTok ali, que é de interesse deles. [...] Na escola, a gente fez uma eletiva de letramento digital pra tentar fazer com que os alunos tenham mais amplitude digital ali, porque eles não têm. Então, não costumo puxar isso muito pra não criar exclusão ali nos meus alunos. No máximo, a gente pega alguma rede social, algum item de mídia e reproduz ela, mas reproduz ela em papel. Mesmo eu tendo tablets para trabalhar, tenho notebooks para trabalhar com eles, tenho a sala de informática que dá pra trabalhar, mas costumo reproduzir por conta dessa exclusão digital em que eles vivem.

Em seus relatos, alguns educadores chegaram a apresentar sugestões para o estímulo ao trabalho com educação para os meios e para o consumo midiático, tais como o desenvolvimento de projetos interdisciplinares, assim como também a criação de eventos culturais periódicos para incentivar discussões acerca da mídia durante todo o ano letivo.